

POESIA: ELA DESLOCA A VIDA QUE SUSPENDE

JANAINA DE PAULA

Doutora em literatura comparada e Teoria da literatura pela UFMG

Pos-doutoranda CAPES-PNPD

janardepaula@gmail.com

A mulher que está a escrever é a de um traço amplo e veloz a
captar o poema que passa rápido

(Maria Gabriela Llansol)

RESUMO: Tecendo a escrita como se tece uma renda, temos em Maria Gabriela Llansol a ideia de várias realidades concretas que se sustentam e se evocam ao mesmo tempo. Uma vida que se suspende para deixar passar uma vida que se desloca seguindo o ritmo do “poema que passa rápido”. Nesse alinhavo de tempos, um ponto se destaca, um nó se desata e deixa ver, sobre o papel, um corpo feito da matéria silenciosa do poema.

PALAVRAS-CHAVES: Poema; Corpo; Vida; Maria Gabriela Llansol.

Comecemos pelo gesto. Comecemos pelo gesto de escrita, de uma escrita em margem de poema. Pelo gesto de fazer o último poema¹, mas também o de compor um corpo. Dois movimentos, um único gesto: fazer o poema com o corpo das letras e, com ele, compor um corpo para suportar o poema que passa rápido. Afinal, para acompanhá-lo, seria preciso “abandonar a medida” e “confiar na ternura da aparição”². Tecendo a escrita como se tece uma renda, temos em Maria Gabriela Llansol a ideia de várias realidades concretas que se sustentam e se evocam ao mesmo tempo. Uma vida que se suspende para deixar passar uma vida que se desloca seguindo o ritmo do “poema que passa rápido”. Nesse alinhavo de tempos, um ponto se destaca, um nó se desata e deixa ver, sobre o papel, um corpo feito da matéria silenciosa do poema.

¹“Assim eu queria meu último poema/Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais/Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas/Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume/A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos/A paixão dos suicidas que se matam sem explicação” (BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira – 50 poemas escolhidos pelo autor*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 35).

² PESSANHA, Juliano. *Ignorância do sempre*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006, p. 45.

_____ eu nasci em 1931, no decurso da leitura silenciosa de um poema. Só havia tecidos espalhados pelo chão da casa, as crenças ingénuas de minha mãe. Estavam igualmente presentes as páginas que os leitores haveriam de tocar (como a uma pauta de música), apenas com o instrumento da sua voz. Eu fui profundamente desejada. Profundamente mal desejada e com amor.

— A voz estava sozinha – disse minha mãe, ainda eu estava no seu ventre, a ler-me poesia.

— Não por muito tempo – responderam àquela que me iniciava na língua. E eu nasci na sequência de um ritmo.

Eu nasci para acompanhar a voz, fazê-la percorrer um caminho. De um lado a outro do percurso, não sei o que existe, o caminho caminha, eu deslumbro-me quando o tempo se suspende,

(...)

A rapariga recuou

e, durante muito tempo, tive a nostalgia do poema imaginando que, por imaturidade minha, o perdera para não perder a voz sabendo, todavia, que, sem ele, a voz não teria companhia.

o corpo e o poema são chamados a formar um ambo. Eles têm matéria, são cores em movimento, e trazem-me perguntas directas e ferozes, na ponta das missivas, implantadas nas mãos.³

Acompanhemos essa rapariga que nasce no decurso da leitura silenciosa do poema, tem a nostalgia da sua passagem, se deslumbra quando o tempo se suspende e, imaginando ter perdido a voz, segue no percurso de um chamado: o poema e o corpo são chamados a formar um ambo. Esses pedaços destacados pelo gesto de abrir vias nesse real, essas cintilações epifânicas transpostas para outros lugares, insistem nos textos de Llansol como núcleos de delicada resistência, presenças vibrantes no interior da escrita. Sem a possibilidade de se fundir numa unidade indissociável, essas figuras (ou *cenar fulgor*) se deslocam a partir de uma unidade mínima de vibração, alinhando as bordas de um *corp' a'screver*.

Sim, as mãos. E o nosso verbo esbarra em seu movimento. Elas desenham com palavras, bordam, no exercício dos dias, a escrita, a sua composição. Bordam os corpos que hospedam o amor, a falta, a fúria, a solidão, (re)trançando-os, aproximando-os e diferindo-os, numa espécie de costura invisível, dando a ver, no tecido do bordado, as densidades e as cores de uma marca sem lembrança de sinal, desenhada ali como imagem sem sentido.

Bordo e penso que sei bordar; não sei como fiz essa associação mas logo depois reflito. Saber e ver. Posso escolher as cores, escolhi as cores das linhas que são rosa-avermelhado e vermelho, e escolhi a cor do tecido, o castanho – que, para mim, é esta a cor da reformulação da comunidade. [...] Com um dedo sobre a linha, prendo também os olhos ao tecido; verifico que vejo um extenso panorama, meus olhos fixos no castanho aveludado parecem voltar-se para todos os lados; soergo a agulha do feltro, o movimento parece-me semelhante ao da escrita, embora inverso.

³ LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais, Drama-Poesia?* Lisboa: Relógio D'Água, 2000, p.23- 25.

Não fui eu quem traçou este desenho que bordo mas, percorrendo-o com a agulha, reconstruo o nascimento do acto de desenhar; perco um pouco a noção do tempo como se o meu bordado tivesse vindo de um arquivo e nele estivesse prestes a desaparecer. Situo-me historicamente ao lado de outras mãos que bordariam tecidos de outras épocas. [...] Passo da escrita ao bordado, traduzindo como se ambos fossem a minha palavra; por momentos, esqueço-me mesmo de que bordo, de tal modo os meus dedos se tornaram dextros e o meu pensamento, reflectido sobre o bordado, um pensamento⁴.

No texto que acompanha o diário *Finita*, Augusto Joaquim – aquele que escreve também num posfácio: “este texto tornou a minha vida improvável” – realiza uma leitura dos fragmentos que compõem o diário escrito nos anos vividos na Bélgica. Ele percorre, com aquela que borda a escrita dos dias, os indícios do “trajeto de uma mulher que está escrevendo um livro e testemunha o desconforto e o deslumbramento de um *se* cuja existência desconhecia, de um *se* a escrever”⁵. Na dobra e redobra dessa escrita, lemos, pelos traços desse legente, os biografemas de um corpo que atravessa os dias na companhia dos animais e das plantas, que vai ao café, envia cartas à mãe, faz passeios com o seu cão Jade, por vezes se deprime e lê, sem quase nunca chegar ao final de um livro. Biografemas de um corpo que escreve, mas “não é parte de nenhum facto histórico-social marcante”, e por isso “tudo se pode explicar sem ela ou, melhor dito, sem o seu eu”⁶. Afinal, ela mesma dirá, um pouco mais tarde, no livro que coloca como causa a pergunta: *Onde vais, Drama-Poesia?*, que *um eu é pouco para o que está em causa*.

No entanto, quem lê as suas linhas, “retém a imagem de um ser firme e nítido dos seus contornos, inexplicavelmente insubstituível, que prossegue um percurso invulgar, tão-só porque é o seu, [...] uma extra-ordinária beleza tornando-se conhecimento, alargando o âmbito do que se pode pensar”⁷. No trajeto dessa escrita, *Finita* torna-se o testemunho acordado, dos traços (in)finitos de um corpo feminino que procura e é procurado. No seu fio, o texto arrasta o humano, “para além do gosto e do prazer”, para além da sombra espessa do poder e das classificações, desfazendo qualquer hipótese de totalização e de fechamento da realidade sobre si mesma. Testemunho da escrita que encontra as mãos que *bordariam tecidos de outras épocas*, para traduzir e esperar. Mãos que *bordariam*, ela diz, sabendo que outras bordaram, num tempo anterior: Penélope, Ariadne... tecedeiras do amor e do destino. Mas Penélope e Ariadne não apenas tecem seus fios, elas também os cortam, descosendo-os, no interior do tecido, enodando e des-nodando, em movimento contínuo – *à medida que o corpo des-faz, à medida que o corpo se faz* – para que o tecido do texto ganhe densidade e leveza, sem o nó da dor. Poesia: ela desloca a vida que suspende. A procura da palavra para bordar os corpos em outra caligrafia, veta a imagética como recurso poético, fazendo da escrita um trabalho das mãos – entretida na grafia de palavras invisíveis –, o exercício dos dias e a bordadura de letras abertas a paisagem que se anuncia no tecido de cada uma delas.

Poderíamos aproximar essa escrita da experiência poética, esta que, ao agrupar um número infinito de motivos, naquilo que constitui para cada um deles o seu exterior,

⁴ LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades*. Lisboa: Relógio D'Água, 1999, p. 58-59.

⁵ JOAQUIM, Augusto. Conversação espiritual. In: LLANSOL, Maria Gabriela. *Finita*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 237.

⁶ JOAQUIM, Augusto. Conversação espiritual. In: LLANSOL, Maria Gabriela. *Finita*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 238.

⁷ JOAQUIM, Augusto. Conversação espiritual. In: LLANSOL, Maria Gabriela. *Finita*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 238.

produz uma dicção, um ritmo, um novo. A linguagem essencial, que não exclui a prosa, é a poesia e supõe o verso⁸. Mas não se trata aqui do verso que segue uma métrica definida *a priori*, e sim do verso do poema que a voz escreve, substituindo as relações sintáticas por outras mais sutis, orientando a linguagem para o seu movimento e sulcando na língua uma superfície de fulgor. Na mobilidade dessa passagem, o que conta não é o tempo em sua forma narrativa, nem ao menos o sentido imposto pela língua, mas as notas por onde se passa e a letra que as acumula e as repete.

A língua poética, no seu trabalho de erosão, alcança um ponto em que as coisas se transformam. Invadidas pelo vazio que essa língua realiza, no momento mesmo em que faz delas uma *cena fulgor*, uma composição sonora, um traço de escrita, um poema com voz, a própria língua resplandece em “festa solitária”. A letra do poema desenha as *linhas que sustentam o espaço* e, com sua materialidade, desvia nosso olhar para além dos *bordos do texto*, em direção ao *passeio nocturno sob o lenço da noite*. Realiza o vazio e segue adiante, pois

O poema que passa rápido.

Impossível dizer-lhe que espere, que não consigo escrever à sua velocidade, que se repita ou volte a dizer (quando, de facto, nada diz) o que estava a dizer. Passa é o seu facto fundamental⁹.

Para esse poema que passa, é “inconcebível não haver um corpo humano que o não suporte”¹⁰. Pois, se o poema é sem “eu”, uma vez que o poeta cede a iniciativa às palavras, substituindo o antigo sopro lírico pelo movimento da letra que se desloca, ele não é, no entanto, sem corpo. Talvez, no movimento de desmontagem de uma certa direção pessoal, o poema possa deixar de ser testemunha dramática, porque, deixando passar o “eu”, ele passa a contar apenas com os três há que restam: há ritmo, há espaço, há voz. Há assim o *dom poético*, imaginação criadora própria do corpo de afetos.

Llansol compõe, com essas constelações, certas figuras que se pressentem e, com todas, o infigurável conjunto de sua dispersão. Os astros agradam a rapariga, pois ela desde cedo aprendeu a olhar para a direção inversa à da luz que corria pelo estreito do corredor. Nesse olhar aberto à claridade luminosa, viu descer por entre as folhas a *clorofila para a matéria do poema*. Mais do que os astros que cintilam às vezes com brilho excessivo, agrada-lhe o grande espaço resplandecente, a curva da existência de um cravo, a luz difusa a escorrer composições do vago e do preciso. *A luz preferida* a riscar o espaço, como a nos dizer: tudo escreve, enquanto ela faz cópias no interior da noite. Vemo-la tentar compor uma cosmologia de figuras, em que os astros são buracos no céu, vazios pelos quais o enigma da luz escondida se condensa e se derrama: espaço subtraído e diminuído até a ruptura em que ele se torna claridade *sobreimpressa*.

Por suas mãos, somos conduzidos ao texto: céu imóvel de astros em deslocamentos. Por suas mãos, seguimos os passos dos místicos, dos poetas, dos vagabundos e dos loucos, esses fiéis do amor que guardam, na experiência da leitura e da escrita, a sua memória, a sua casa do talvez. Eis o *há* desse céu: o seu adorável azul. O fascínio ao qual nos conduz, pois aberto ao nosso corpo, indica-nos que os corpos fazem sua travessia pelas margens do abismo. Às margens de uma língua, a escritura risca o seu céu e toma os estilhaços da palavra, os fragmentos soltos, as ideias sonhadas, para compor com eles uma infinidade de constelações e, com todas elas, um corpo para

⁸ MALLARMÉ, Stéphane. *Divagações*. Florianópolis: Editora UFSC, 2010, p. 162-163.

⁹ LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais, Drama-Poesia?* Lisboa: Relógio D'Água, 2000, p. 17.

¹⁰ LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais, Drama-Poesia?* Lisboa: Relógio D'Água, 2000, p. 17.

outros corpos. A *textualidade* llansoliana define um lugar, sem lhe negar o seu avesso, sua face oculta, seus segredos. Nela tudo se torna corpo-paisagem: infinito.

Sabemos que o texto de Llansol não é propriamente um texto escrito em poema, pelo menos não no sentido que a crítica literária o concebe. Entretanto, encontramos nele marcas do poema: “o ritmo, a música, o verso, os negritos, os itálicos, os brancos de página, as quebras da sintaxe da frase. E, no centro de tudo, a palavra, não a frase”¹¹.

Assim, a “textualidade poética”, como a defino agora, nessa ex(a)propriação da forma e da experiência do poema, leva em conta a palavra que se escreve em traços de silêncio, na intensidade de uma vibração colocada para além da tradição melancólica do romance, para fazer com ela um cor’p’oema, espécie de confluência da palavra e do corpo, aberto às densidades e aos movimentos do poema, ao ruído do seu verso e o seu dom de *textualizar*. O corpo é fabricado nessa escrita, é escrito – “ex-crito” – pela palavra que modela o real, não admitindo mais qualquer tipo de divisão entre a natureza e o artefato, entre os afetos e o pensamento. A sua forma ganha relevo a partir da escrita diarística, acolhida nos infinitos cadernos, papéis soltos, pequenas anotações, e o trabalho de transpor, novamente, para o livro.

O que interessa a Llansol é o que resta do poema, o que resta do poeta, desse corpo que escreve em poema. E, ainda, aquilo que resta da própria escrita. A experiência da *textualidade* aproxima-se da experiência do poema, pois elas nascem de um corpo que conhece o abismo, um corpo aberto ao exterior e aos riscos da travessia. Nascem dele e dirigem-se a ele. Nela vemos os vestígios de uma presença, em sua recusa de representação, a desenrolar-se como água nos espaços em branco, nos traços, na pausa que interrompe e liga – religa – os fios dessa escrita.

Não sei reflectir sobre a Poesia. Sei ir à poesia _____ e esperar, na ponta das pupilas, suas imagens. Quando o dia «image[ce]», sei que está criado o verbo «imagecer» relacionado com a deslocação de um cisne nas águas. [...]

É preciso assustar a poesia para que – amanhã – ela regresse. Mas eu ignorava-a até na sua própria sombra, só as imagens, que eu não temia, fariam com que ela regressasse, e escrevesse «amo-te» como quem escreve «faz-me».

Não sei fazer poesia, mas pressinto o seu drama _____ e o vagar que ela tem de se deixar em qualquer parte onde, afinal, nunca tenha estado.

Poeta não é palavra que assente em alguém. Designar o indesignável é torná-lo ainda mais obscuro.

Tantos poetas, tão pouca poesia. A poesia não é para nós, é para o fim de nós...¹²

O corpo é um nó rítmico e o poema um ato radical: inflamação da linguagem, abismo do sentido, atrito do corpo que esbarra no céu da língua. Dilaceração do espaço livre, recolha do canto, sublime ação sem traço sublime. Vestígio, sopro. Diferença de intensidade experimentada numa queda. Plexo por onde escorre o corpo das palavras, o seu drama, a sua dispersão. O poema é a ruína do poema, ele está no lugar onde nunca esteve, para além dos seus próprios limites, para além das suas linhas, nas bordas de todos os lugares, nas margens de um lugar que seja nenhum. E aí onde ele não é, ele é

¹¹ CASTELLO BRANCO. Quem me chama? Inspiração, Talento e Vocação da Escrita. Texto apresentado no Museu das Minas e Metais, dentro do programa “Língua Afiada”, em 23 de agosto de 2013 e publicado no blog fiodeaguadotexto.wordpress.com.

¹² LLANSOL, Maria Gabriela. Caderno 1.54, 5 de abril de 1999, p. 10-12. Publicado no blog do Espaço Llansol em 14/5/2012. Disponível em: <http://espacollansol.blogspot.com.br/2012/05/llansol-e-poesia-no-cao-celeste-saiu-o.html>. Acesso em: xx mar. 20113.

absolutamente. *Ab-solus. Solutus ab omni re. Ab-solus*: “o poema é solitário. É solitário e vai a caminho. Quem o escreve torna-se parte integrante dele”¹³. E, assim como o amor, ele espera-nos a sós.

2 de março de 1996

Há-de-nós – que refulge no texto – santificado
seja o teu labor, sereno e incansável,
o azul de cada dia nos dai hoje
e assim se prolongue a noite
e o seu fruto – uma manhã de seda
tão cheia de impensado como esta;
pelas manchas das palavras que dizemos _____ nos dai
uma língua, uma trepidação de incognoscível,
não universal mas
exacta, que te atravesse, ó Há,
e rasgue na terra um jardim edénico,
desocultado,
florescendo de é, de sempre e de aqui¹⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira – 50 poemas escolhidos pelo autor*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 35.

CASTELLO BRANCO. Quem me chama? Inspiração, Talento e Vocação da Escrita. Texto apresentado no Museu das Minas e Metais, dentro do programa “Língua Afiada”, em 23 de agosto de 2013 e publicado no blog fiodeaguadotexto.wordpress.com.

CELAN, Paul. *Arte poética: O Meridiano e outros textos*. Lisboa: Edições Cotovia, 1996, p. 57.

JOAQUIM, Augusto. Conversação espiritual. In: LLANSOL, Maria Gabriela. *Finita*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 237.

JOAQUIM, Augusto. Conversação espiritual. In: LLANSOL, Maria Gabriela. *Finita*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 237.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades*. Lisboa: Relógio D’Água, 1999, p. 58-59.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais, Drama-Poesia?* Lisboa: Relógio D’Água, 2000, p.23- 25.

LLANSOL, Maria Gabriela. Caderno 1.54, 5 de abril de 1999, p. 10-12. Publicado no blog do Espaço Llansol em 14/5/2012. Disponível em: <http://espacollansol.blogspot.com.br/2012/05/llansol-e-poesia-no-cao-celeste-saiu-o.html>. Acesso em: 10 de julho de 2015.

LLANSOL, Maria Gabriela. O sonho de que temos a linguagem. *Revista Colóquio-Letras*, Lisboa, n. 143-144, jan./jun. 1997, p. 11-12.

MALLARMÉ, Stéphane. *Divagações*. Florianópolis: Editora UFSC, 2010, p. 162-163.

PESSANHA, Juliano. *Ignorância do sempre*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006, p. 45.

¹³ CELAN, Paul. *Arte poética: O Meridiano e outros textos*. Lisboa: Edições Cotovia, 1996, p. 57.

¹⁴ LLANSOL, Maria Gabriela. O sonho de que temos a linguagem. *Revista Colóquio-Letras*, Lisboa, n. 143-144, jan./jun. 1997, p. 11-12.